

Danças eletrônicas: do intervalo as aulas de Educação Física

EMEFM Derville Allegretti

Camila Silva de Aguiar

Esta experiência pedagógica foi realizada com uma turma do 8ª ano do ciclo II de uma Escola Municipal situada na Zona Norte da Cidade de São Paulo, EMEFM Derville Allegretti, durante o segundo semestre de 2009, com aproximadamente três meses de duração.

Durante o ano, assumi duas classes na Emefm Derville Allegretti. Ao chegar à instituição de ensino e preparar as aulas, alocadas nos últimos horários do turno, pude apreciar as práticas dos alunos em momentos fora da sala de aula, como o intervalo do lanche e alguns momentos durante troca de aulas. Comecei a observar nestes momentos que alguns grupos escutavam uma música no celular e dançavam. Identifiquei, indagando através de conversas, que se tratava de música eletrônica, o *psy*. Conversei com a turma e verifiquei que a dança não foi uma manifestação corporal inserida no currículo da disciplina nos anos anteriores, o trabalho desenvolvido até o momento priorizava o esporte. A dança só estava presente nos momentos comemorativos da escola.

Então, optei por começar um mapeamento dos saberes sobre o *psy*, ou seja, investigar quais os conhecimentos os alunos possuíam sobre o assunto. Iniciei esse processo com apreciação de um vídeo com cenas retiradas do *Youtube*, de pessoas dançando o *psy* e alguns outros estilos os quais sabia que alguns alunos praticavam como samba de gafieira, forró, balé, tango, *break* e funk. A próxima atividade implicava em respostas individuais as seguintes questões:

- Que estilos de dança você reconhece no vídeo?
- Quem as pratica? E quais os locais de prática?
- Cite outros estilos de dança que não apareceram no vídeo e que vocês praticam ou conhecem?
- As danças apresentadas possuem semelhanças? E diferenças? Quais vocês identificam?

A partir das respostas de alguns alunos sobre outros estilos que não foram contemplados no vídeo como: “não apareceu o *psy* e sim o *rebolation*”, “*jumpstyle*”; constatei que dentro da música eletrônica, além do *psy*, há vários estilos de dança também vivenciadas pelos alunos, os quais eu não conhecia como *rebolation*¹, *shuffle*², *jumpstyle*³. Passei a buscar mais informações sobre eles.

¹ *Rebolation* é uma dança eletrônica. Sua origem e influencia são incertas, mas o que se sabe é que esse novo estilo foi criada aqui no Brasil há alguns anos. É associado ao estilo *Psytrance* (ou *Psy*) de música eletrônica e foi possivelmente inspirado no *Melbourne Shuffle* que sofreu alterações e por protesto dos australianos, que temiam por sua reputação, foi batizado nas pistas brasileiras de *Rebolation*.

² De acordo com o sítio http://pt.wikipedia.org/wiki/Melbourne_Shuffle o *Melbourne Shuffle* dança australiana surgida na cidade de Melbourne surgiu por volta da década de 80. Os movimentos básicos nesta dança são *The Running Man* e o *T-Shuffle*. À dança também se incorporam giros, deslizadas rápidas. Nesta dança não são obrigatórios os movimentos com os braços, já que na verdade não existem passos feitos especificamente com os braços, portanto o dançarino é

Após conversa sobre o que apontaram no questionário, os alunos passaram a vivenciar as danças eletrônicas citadas anteriormente, ressignificando-as no contexto escolar. Para essa experimentação, contei principalmente com a ajuda dos próprios alunos que tinham uma maior vivência e que prontamente se dispuseram a auxiliar.

No entanto, percebi que alguns queriam dançar, mas tinham vergonha de se expor. A maioria de nossas aulas práticas ocorreu no auditório da escola e como forma de incluí-los diminuí as luzes do fundo do auditório e propus que tentassem praticar as danças naquele espaço. O auditório também possuía um telão utilizado para apresentações em *data show*, o qual foi utilizado para expor vídeos, extraídos do *youtube*, que mostravam passo a passo as danças que praticávamos deixando os alunos mais a vontade e possibilitando maior participação.

No início do trabalho, houve algumas dificuldades em relação ao espaço para as vivências. A procura dos professores pelo auditório era grande, então tive que esperar algumas semanas para conseguir utilizar o espaço. Enquanto isso, trabalhamos na sala de vídeo. Contudo, sem aviso prévio, a sala passou por um processo de reforma, o que nos levou a buscar outros espaços, gerando dificuldades, pois a extensão para ligar o som não chegava à quadra e as salas de aula eram ambientes, ou seja, os alunos que se locomoviam na troca de aula e não os professores e não havia um local destinado a Educação Física, tínhamos que aguardar reajustes de professores que faltavam ou saíam mais cedo para ser disponibilizada uma sala.

É interessante destacar que alguns alunos, antes de iniciar o trabalho, ficaram impressionados com a possibilidade de estudar o *psy* e as danças eletrônicas, pois diziam que vivenciavam essas manifestações apenas durante os intervalos das aulas e fora do ambiente escolar. Seus depoimentos denunciavam: “Por que não podemos dançar do jeito que queremos na escola?” e “Só pode música de festa junina”. Ou seja, lhes eram disponibilizadas tão somente coreografias planejadas para determinados eventos escolares.

Contudo, saliento que houve também grande resistência, principalmente no início do trabalho de uma parcela da turma que queriam a todo custo a prática esportiva. Mas ao longo do projeto, alguns foram se envolvendo e participando das aulas através dos trabalhos e da organização das apresentações. Apesar disso, dois alunos, mesmo após conversas sobre o trabalho e formas de participação, não quiseram participar.

Após algumas vivências das danças eletrônicas, ao questionar as diferenças entre *psy*, *rebolution* e *jumpstyle*, percebi que as explicações eram insuficientes. Diferenciavam os

quem escolhe se vai mexe-los, quando e como; a maioria dos dançarinos realiza movimentos aleatórios. O Melbourne Shuffle é quase que exclusivamente dançado com música eletrônica, nos estilos que variam de 140 a 160 bpm dentre os quais o mais famoso é o Hardstyle.

³ Conforme o sítio <http://nacara.com.br/jumpstyle/> **Jumpstyle**, como o nome já diz, é um **estilo de dança** que ganhou força na Europa impulsionado por um gênero musical frenético. O **Jumpstyle** também é conhecido como **Jumpen** que significa “**pular**” ou “**pulando**”. O **Jumpstyle** surgiu em 1997 na Bélgica. A performance com mais de uma pessoa é a mais popular. As pernas são as partes do corpo mais importante no **Jumpstyle**. A dança consiste em uma série de movimento de chutes e pulos, com as pernas indo para frente e para trás no ritmo da música.

movimentos básicos, mas a maioria não soube explicar se o *psy* era semelhante ao *rebolation* e expor maiores informações sobre os grupos que praticavam cada estilo. Para ampliar o estudo da manifestação corporal, apresentei uma gravação do programa “Pé na Rua”⁴ que explicava algumas diferenças entre esses estilos e o grupo descobriu mais um o qual não conheciam, o *tecktonic*⁵. Assim, solicitei que fizessem uma pesquisa e busquei outros vídeos sobre o *tecktonic*.

Discutimos as informações coletadas sobre os diferentes tipos de dança eletrônica, conversamos sobre os estilos de roupa dos praticantes, as batidas das músicas e a presença da tecnologia. A turma concluiu que o *psy* é um estilo de música em que as pessoas deixam se envolver e dançam da sua maneira, não tem passos certos, coreografados. Contudo, acabam dançando com mais frequência o estilo *rebolation* na música *psy*, o que muitas vezes leva a chamar o conjunto desse estilo de música e dança de *psy*. Perceberam que o *psy* tem sua origem nas *raves*, festas realizadas em céu aberto como em chácaras, sítios, em espaços distantes dos grandes centros urbanos, durando muitas vezes várias horas e até dias. Contudo, os alunos escutavam e dançavam nos finais de semana nas casas noturnas das proximidades ou durante as horas de manhã. Concluíram que não existe uma roupa certa para dançar a música eletrônica, mas o grupo que se identifica com o *psy trance* geralmente usa roupas coloridas, fluorescentes, informais e confortáveis, características da influência hippie e indiana; os praticantes do *tecktonic* utilizam roupas mais justas e penteados futurísticos, já os do *Melbourne shuffle* geralmente vestem *Phat Pants*, calças largas que dão a impressão de maior deslize nos movimentos. Contudo, para os locais que a maioria dos alunos frequentam, adotavam geralmente calça jeans, blusinha, camiseta e muitas vezes até misturam os estilos. Sobre a tecnologia, um aluno comentou que em algumas *raves* existe decoração em 3D e os participantes compram um óculos específico que possibilita enxergar esse tipo de decoração.

⁴ Pé na Rua é um programa televisivo que é transmitido no canal da TV Cultura. É voltado para o público jovem. No dia 26/06/09 realizou a reportagem “O jeito de cada um dançar música eletrônica”.

⁵ Conforme alguns sítios <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecktonik>, <http://teckmovers.skyrock.com/1405839361-O-que-e-Tecktonik.html>, *Tecktonic* é uma marca registrada. A marca *Tecktonic* nasceu na França com o objectivo de patrocinar dança electrónica e explora-la financeiramente. O vestuário dos dançarinos de *Tecktonic* é normalmente roupa justa, desde casacos, camisolas e calças com penteados futurísticos. É um movimento que mistura moda e dança. Consiste numa nova expressão corporal na qual estão inseridos três vertentes fundamentais, ou seja, as danças, que são o *electro dance*, o *hardstyle* e o *jumpstyle*. Os passos consistem em mover os braços de maneira solta em volta da cabeça, como se estivesse passando gel no cabelo várias vezes. O nome *Tecktonik* tem a ver com as placas geológicas do planeta, que traduzindo para este movimento é o encontro e o choque criativo entre culturas musicais diferentes, e que é aberto a todas as pessoas do mundo. A filosofia deste movimento foi definida como sendo contra todo o tipo droga, ou seja, dançar electro e dar tudo por si, pela energia própria do corpo sem qualquer efeito de drogas. Pois o objetivo do movimento é a dança, a diversão e o convívio pessoal.

Em seguida, selecionei a seguinte expectativa de ensino⁶: Identificar a dança como opção de lazer, reconhecendo a opção pessoal como fruto da identidade cultural, mediante as sensações advindas das práticas e outras situações didáticas.

Na aula seguinte, uma aluna levou um vídeo “Red Bull”⁷, mostrando batalhas de *break*⁸ para assistirmos, pois identificou e queria mostrar alguns movimentos que poderiam ser usados na música eletrônica. Assistiram ao vídeo no auditório e percebi que os alunos identificaram e fizeram relação com alguns movimentos da dança eletrônica, ficaram impressionados com as manobras e alguns queriam assistir mais, mostrando interesse em estudar o *break*, sugestão que foi anotada para um próximo trabalho.

Na continuidade das atividades, leram um texto sobre o estilo *psy*, que explicava como as primeiras *raves* aconteciam, como as músicas eram tocadas, quais eram os propósitos iniciais. Foi o mote para discutir as transformações nos equipamentos, que passaram do vinil a aparelhos de som e luzes digitais com diversos efeitos especiais. Em relação aos propósitos iniciais das *raves*, segundo o texto, os alunos puderam verificar que se tratavam de uma forma de resistência e busca de paz, ligada a um estilo alternativo, diferentemente de algumas festas atuais divulgadas pela mídia e freqüentadas geralmente pela classe média. Em outra turma do 8º ano, entramos em uma breve discussão de como algumas festas de música eletrônica viraram um mercado lucrativo, dando como exemplo a criação da marca registrada do *Tecktonic* e a participação de artistas remunerados.

Logo após a discussão, responderam um questionário com o intuito de expor o que entenderam sobre o *psy* e como o viam na atualidade.

- De acordo com o texto onde e como surgiu o *psy trance*?
- Quais eram os ideais iniciais do *psy trance*?
- Qual é a opinião do autor sobre o *psy* na atualidade? E qual a sua opinião?

Notei que a maioria dos estudantes identificou as mudanças dos propósitos iniciais do *psy* em relação aos dias atuais como também através das conversas e trocas de informações as diferenças entre os estilos de dança eletrônica.

Com a proximidade do fim do ano letivo e apresentação de encerramento das atividades escolares, propus aos alunos, orientada pelas expectativas de aprendizagem das Orientações Curriculares do Município de São Paulo, que elaborassem coletivamente e

⁶ Expectativa de aprendizagem é o que se espera ou deseja que seja desenvolvido no aluno. São selecionadas pelo professor de acordo com o projeto pedagógico da escola, objetivos da área e necessidades da comunidade escolar. Orienta o trabalho pedagógico para uma aprendizagem significativa, na seleção dos conteúdos, tendo como critério sua relevância social, cultural, intelectual para a construção de habilidades comum, potencialidade para contextualizações, acessibilidade e adequação ao interesses dos alunos.

⁷ A marca de bebidas energéticas *Red Bull* promove vários eventos e um deles são as batalhas de *break*.

⁸ *Batalhas de break* são rodas que os praticantes do *break* se desafiam com passos criativos.

democraticamente uma apresentação para a escola. Contudo, alegaram que tinham vergonha. Então, propus que criássemos um clipe, e que após filmagem editássemos para postar na internet e passar nas apresentações de fim de ano.

Deixei-os livres para trazer elementos de outros estilos, já que fizeram relações com elementos de danças diversas como o *break* e alguns passos do Michael Jackson que, à época, ganhou destaque na mídia depois de sua morte e estreia do filme e no qual ficou conhecido pelo *Moon Walk* movimento relacionado ao *Melbourne Shuffle*.

Identificando a necessidade de separar funções para construir o clipe de forma mais organizada, propus e dividimos a turma nos seguintes grupos: decoração, iluminação, som, dançarinos e coreógrafos, esses últimos foram dois alunos que se propuseram a essa função, pois gostariam de dar sugestões do que poderia colocar na apresentação, mas não quiseram apresentar. Nesse momento, convidaram alunos de outra sala que tinham grande vivência com a música e dança eletrônica para participar e incluíram o *swing poi*⁹ na apresentação.

Como nenhum dos alunos tinha o *swing poi* com fitas geralmente utilizados nas *raves* adaptaram uma bolinha de borracha envolvendo-a com papel e fita crepe amarrada em um barbante.

No dia seguinte, quando cheguei à escola tive que buscar o *swing poi* na direção, pois após o término de sua construção os alunos passaram para outros estudantes e ao manuseá-los no corredor os inspetores pegaram. Isso demonstra uma situação de conflito entre a prática estudantil e as normas da escola que já estava prestes a entregar advertência a esses alunos sem um diálogo sobre a possibilidade de experimentação ou não em determinado espaço.

O intuito inicial de fazer o clipe não deu certo. Tive vários problemas com a filmagem, em relação à memória, foco, edição e tempo, pois o final do período letivo se aproximava e a escola estava envolvida com outras atividades, as apresentações de encerramento, em que o espaço do auditório foi dividido com os outros professores para ensaiarem e jogos. A maioria das alunas que iria apresentar participavam do time de Handebol da escola e como vinham passando pelas várias etapas do campeonato perdemos algumas aulas, pois eram dispensadas o dia inteiro para participarem do campeonato. Por inexperiência e falta de diálogo não me programei o que dificultou as regravações, ficando apenas a apresentação geral para os próprios alunos da sala e algumas turmas da oitava série.

Com esse trabalho busquei valorizar a prática corporal dos alunos, identificando, ampliando através de atividades, discussões e vivências as danças eletrônicas, no intuito de criar condições para os estudantes participarem de forma crítica na sociedade. Essa experiência foi nova

⁹ De acordo com http://pt.wikipedia.org/wiki/Swing_poi o *Swing poi* é um instrumento de malabarismo. Consta de uma corda, com uma bola no fim, terminado em fitas coloridas. O *Swing Poi* é ultimamente usado em festas *raves*, pra dançar ao ritmo do *Psy Trance*.

e enriquecedora, na qual me levou a fazer novas reflexões e oportunidade de ir aprendendo a lidar com as incertezas pedagógicas, desconstruindo visões e modos de atuar como também construindo e almejando aproximar de práticas compromissadas com um papel educacional democrático e transformador.

Referências bibliográficas

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE ENSINO. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física*. São Paulo: SME/DOT, 2007. 104.